



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

MAURÍCIO PEREIRA LEAL

**DO ISOLAMENTO DA PANDEMIA À CONSTRUÇÃO DE UM TERRITÓRIO: A JORNADA DA
1ª TURMA DO NOVO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA
EM AGROECOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE SABERES AGROECOLÓGICOS**

Planaltina – DF
2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

**DO ISOLAMENTO DA PANDEMIA À CONSTRUÇÃO DE UM TERRITÓRIO: A JORNADA DA
1ª TURMA DO NOVO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA
EM AGROECOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE SABERES AGROECOLÓGICOS**

Maurício Pereira Leal

**Trabalho de Conclusão de Curso -
TCC ao Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia de
Brasília - IFB, como parte das
exigências para a obtenção do grau
de Tecnólogo em Agroecologia.**

ORIENTADOR: Professor Etelvino Rocha Araujo

Planaltina – DF 2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Do isolamento da Pandemia à construção de um Território: A Jornada da 1ª turma do novo Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia na Construção de Saberes Agroecológicos

LEAL, Mauricio Pereira¹ Instituto Federal Brasília,
mauricio.leal@estudante.ifb.edu.br²

Resumo: Em 2021, o Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do IFB Campus Planaltina teve início com aulas remotas devido à pandemia, alinhadas ao novo PPC, que organizou as disciplinas em três eixos: Agroecossistemas, Educação Política e Ecológica, e Interações Comunitárias e Culturais. Durante o curso, os estudantes criaram o grupo Ecoando Afetos para revitalizar o Espaço de Convivência Agroecológico (ECO), promovendo visitas técnicas e ações coletivas. Com o retorno presencial, a turma se reorganizou em Núcleos de Base (NB) para projetos como bioconstrução, compostagem e Sistemas Agroflorestais (SAF). Destaque para a oficina de manejo de bambu, integrando ensino, pesquisa e extensão, com participação da ESECAE e do Assentamento Pequeno William. Os desafios incluíram falta de infraestrutura e evasões, mas as vivências fortaleceram a agroecologia como prática transformadora, incentivando autogestão, diálogo comunitário e intervenções locais. O ECOA tornou-se símbolo de resistência e inovação.

Palavras-Chave: Agroecologia; Ensino remoto e pandemia (COVID-19); Plano Político Pedagógico (PPC) 2021; Extensão universitária e interação com a comunidade.

Keywords: Agroecology; Remote teaching and pandemic (COVID-19); Pedagogical Political Plan (PPC) 2021; University extension and interaction with the community.

Abstract: In 2021, the Higher Education Course in Agroecology at IFB Campus Planaltina began with remote classes due to the pandemic, aligned with the new PPC, which organized the disciplines into three axes: Agroecosystems, Political and Ecological Education, and Community and Cultural Interactions. During the course, students created the Ecoando Afetos group to revitalize the Agroecological Coexistence Space (ECO), promoting technical visits and collective actions. With the return to in-person classes, the class reorganized itself into Base Nuclei (NB) for projects such as bioconstruction, composting, and Agroforestry Systems (SAF). A highlight was the bamboo management workshop, integrating teaching, research, and extension, with the participation of ESECAE and the Pequeno William Settlement. Challenges included lack of infrastructure and dropouts, but the experiences strengthened agroecology as a transformative practice, encouraging self-management, community dialogue, and local interventions. ECOA has become a symbol of resistance and innovation.

¹ Graduando do curso de Agroecologia do IFB Brasília

² IFB Campus Planaltina DF, fundação em 2008



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Contexto

No início de 2021, no Instituto Federal de Brasília Campus Planaltina-DF, dava-se início às aulas da 1ª turma após anos de reformulação do PPC do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia-CSTA (nomeada aqui neste documento como STA1 e progredindo até STA6 com o avançar do curso), aprovado pela Resolução 16/2020-RIFB/IFB (IFB, 2020) (aqui neste texto também chamado de PPC 2021). O contexto era de pandemia de coronavírus (COVID 19) declarada pela Organização Mundial de Saúde - OMS, com aulas presenciais e não presenciais no IFB suspensas por meio da Portaria nº 361/2020-RIFB-IFB, de 23/03/2020 (IFB, 2020). Posteriormente, em 19/06/2020 o IFB publicou a resolução 20/2020-RIFB-IFB(IFB,2020) que aprovou a retomada dos calendários acadêmicos autorizando o cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento de carga horária dos cursos do IFB. Por fim, em 28/08/2020 visando minimizar os efeitos daquela pandemia, o IFB publicou a Resolução 32/2020-RIFB/IFB (IFB, 2020) aprovando a flexibilização de seus regulamentos.

Em meio à essa situação a turma STA1 inicia o primeiro semestre com as aulas sendo ministradas de forma remota. Entre as mudanças mais significativas deste PPC em relação ao anterior estão as matérias organizadas em três eixos temáticos: Eixo Agroecossistemas, Eixo Educação Política e Ecológica e Eixo Integrador. As aulas ocorreram on-line, alternando momentos síncronos em que os professores estavam presentes (de forma remota) e assíncronos quando eram passadas atividades para os estudantes desenvolverem. Nesses momentos assíncronos os estudantes se reuniam (também de forma remota) para discutirem assuntos relacionados ao conteúdo, exercício da autogestão, entre outros.

Alguns alunos do STA1 já conheciam um espaço no campus, onde há anos os estudantes do curso ocupavam com atividades autogestionadas. Tal espaço recebe o nome de Espaço de Convivência Agroecológico - ECOA. Para ilustrar o que representava o ECOA para os estudantes na época, apresento um trecho extraído de um trabalho de conclusão de curso de 2021. *“O Ecoa é um ambiente de troca de saberes e autogestão estudantil que dá suporte decorrente das necessidades dos estudantes dentro do IFB, em meio a construção e articulação agroecológica, gera um laboratório de ensino, pesquisa e extensão, com práticas integradoras de trabalho coletivo. É um espaço frutífero de interação entre os estudantes e para o CSTA, visto que garante a execução cotidiana de atividades práticas. Além de subsidiar o trabalho pedagógico do curso, uma vez que são desenvolvidos projetos e trabalhos dos componentes curriculares, sendo um ambiente dinâmico no qual todo semestre são conduzidos diversos trabalhos dos estudantes”.*(NOTINE, 2021)

Naquele momento os estudantes criaram o “Ecoando Afetos”³ grupo que começou a organizar e planejar as atividades e demandas do espaço. Mesmo com restrições durante a pandemia, foram realizadas duas visitas técnicas, sendo uma de reconhecimento e a outra para manejo de parte da área, discutindo a retomada das atividades quando fosse possível. O momento exigia uma série de cuidados e a visita foi realizada seguindo todos os protocolos recomendados pelo Ministério da Saúde e Instituto Federal à época.

Foram dois semestres com aulas remotas, quando em 2022 houve o retorno às aulas presenciais. Isto posto, o autor na condição de morador da residência estudantil do Campus, matriculou-se em dois semestres simultâneos: fazendo parte então da turma STA 2, no turno vespertino e daquela 1ª turma que no momento já se intitulava STA 3 no matutino. Essa vivência nos dois turnos possibilitou uma maior proximidade com os colegas do turno

³ Ecoando afetos - Reocupação do ecoa como experiência agroecológica múltipla



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

vespertino, além de ter agregado no conhecimento sobre o Campus, contribuindo para uma interação com os vários setores, trouxe também uma percepção mais abrangente das questões relacionadas à agroecologia e o território.

Os primeiros meses pós-pandemia carregavam muita tensão, causada por: Péssima condução da pandemia feita pelo Governo Federal; Informações de anticência e antivacina que confundiam as pessoas; E as muitas vidas que infelizmente foram perdidas impactando várias famílias.

Ao mesmo tempo que a volta às aulas presenciais trazia uma atmosfera de renovação e esperança ao campus, no curso de agroecologia havia muita expectativa com a nova forma de trabalhar. O novo Projeto Pedagógico, além do ineditismo, trazia inovação e visão mais integrada do conhecimento. As aulas a distância serviram de estímulo e indicaram quão dinâmico e interessante seria esse momento. Era notória a alegria por estar voltando às rotinas de trabalho e estudos. Essa disposição se refletiu no número de pessoas interessadas em participar do Ecoa.

É importante lembrar que estudantes matriculados no antigo PPC ainda frequentavam a Agroecologia, muitos dos quais finalizando sua graduação. A convivência enriqueceu o debate sobre o Ecoa e o novo PPC. Essa troca de idéias acontecia em rodas de conversas no Ecoa e diálogos com a presença de várias lideranças estudantis que atuaram no local, trazendo muita carga histórica de construção do espaço e a luta dos estudantes no Campus.

Esse encontro propiciou uma grande confluência de ideias. E a necessidade de ocupação e manejo do Ecoa passou a ser um sentimento comum em todos participantes. Em sala de aula numa sincronicidade ocorriam discussões sobre territorialidade⁴, pertencimento, trabalho cooperado, respeito à diversidade, apresentação de novos autores, conceitos sobre latinidade, trabalho como princípio educativo, leitura de fatos históricos narrados sob o ponto de vista do colonizado, entre outros. Soma-se o desafio de formar os Núcleos de Base - NBs: uma das novidades do PPC 2021, dentro do Eixo Integrador (Interações Organizativas), como forma de organização dos trabalhos coletivos. Bem como, a apresentação dos projetos no Seminário Integrador ao final de cada semestre.

Para compreendermos a formação do ECOA, considerando historicidade como elemento de grande relevância na perspectiva agroecológica daqueles estudantes e componente fundamental na formação da identidade coletiva, é preciso abordar o curso a partir do ano de 2010. Naquele ano foi oferecida a primeira turma do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, criado pela Resolução nº14- 2009/GAB/IFB-Reitoria, como primeiro curso superior do IFB. O curso surgiu fruto de muitos anos de luta dos movimentos sociais ligados à educação e ao campo. O ingresso era pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Em 2011, duas estudantes mulheres que se encontravam em situação de alta vulnerabilidade ocuparam uma construção abandonada no Campus. Inicialmente ocuparam para atender a necessidade de moradia e permanência no Campus. É importante destacar que o Campus se situa numa zona rural, às margens da DF 128 a altura do Km 21, ou seja, um local de difícil acesso, para uma grande parte dos estudantes. As políticas de assistência estudantil, não atendiam às necessidades dos estudantes.

⁴ Territorialidade e identidade: Um patrimônio no desenvolvimento territorial



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

A permanência no Campus para monitoramento dos projetos e estudos, de um modo geral, praticamente tornava indispensável a presença no contraturno e muitas vezes nos finais de semana. Como se tratava de uma demanda coletiva, logo outros estudantes passaram a frequentar aquela construção abandonada e a área ao seu entorno, dando surgimento ao que veio a ser chamado de Espaço de Convivência Agroecológico-ECOA.

O espaço foi se consolidando como importante pólo aglutinador, onde foram realizadas diversas atividades: plantio de mudas, trabalhos de conclusão de curso, celebrações, discussões e debates, sobre temas como: fortalecimento do curso de Agroecologia no Campus, lutas estudantis e início da criação do Centro Acadêmico - CA. Desse movimento surgiram reivindicações como: moradia estudantil, refeição para toda comunidade acadêmica e transporte público de qualidade, dentre outras.

Já em 2019, durante o período de férias dos estudantes, sem nenhum aviso prévio, a direção do Campus ordenou a derrubada da casa ocupada pelos estudantes. Vários objetos pessoais e documentos se juntaram aos escombros. Esse episódio ensejou uma série de articulações políticas, deixando claro a insatisfação dos estudantes e um embate com a gestão do Campus, dificultou o diálogo sendo um marco negativo para os estudantes da época, repercutindo no curso até a finalização deste trabalho.

A ação da direção do Campus uniu os estudantes em defesa do Ecoa e da Agroecologia. Formou-se uma comissão de estudantes com apoio de alguns professores. Essa comissão conseguiu em uma reunião com a deputada federal Erika Kokay, verba do orçamento através de uma emenda parlamentar para construir uma residência estudantil do curso de agroecologia. Com recurso garantido, iniciaram o processo para construção de duas casas para servir como residência estudantil dos cursos superiores do campus. Inclusive com a planta da casa sendo desenhada por uma estudante do curso de Agroecologia.

A partir do reconhecimento histórico e factual tratamos o Ecoa inserido no contexto territorial do Campus, se conjugando com o momento de fortalecimento do curso, expresso com a inauguração do alojamento estudantil, resultado de conquista do coletivo de estudantes da agroecologia que possibilita o ingresso e permanência de agricultores, e moradores de outras regiões e estados no Instituto Federal de Brasília, que além de trazer um *imprinting* cultural, buscam nos espaços e tempos diferenciados de formação, a reprodução de vida em seus territórios.

Com a volta das aulas presenciais um grupo maior de trabalho foi criado com objetivo mais claro: “transformar o Ecoa em um espaço permacultural, recuperando estruturas físicas, mantendo os plantios, dinamizando o espaço com equilíbrio e conectando a permacultura com a agroecologia. Aproveitando toda potencialidade e recursos encontrados no próprio território”, bem como, organização de uma gestão participativa, tendo como perspectiva, a institucionalização do Espaço.

O objetivo é descrever como a construção de um espaço coletivo (ECOA) pode atuar como aglutinador de conhecimentos, de afetos, de projetos de extensão, de construção de sonhos e de atendimento aos princípios agroecológicos do CST Agroecologia.

Descrição da Experiência

No retorno das atividades presenciais, os estudantes que haviam iniciado as discussões sobre o ECOA se uniram para as práticas presenciais. As primeiras ações foram de manejo,



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

criando alguns acessos e abrindo trilhas para o mapeamento da área e reconhecimento dos recursos e materiais disponíveis no local, em seguida elaboração de um desenho coletivo de um mapa seguindo as orientações do DRP Diagnóstico Rural Participativo⁵, conforme pode ser observado nas imagens 1 e 2.

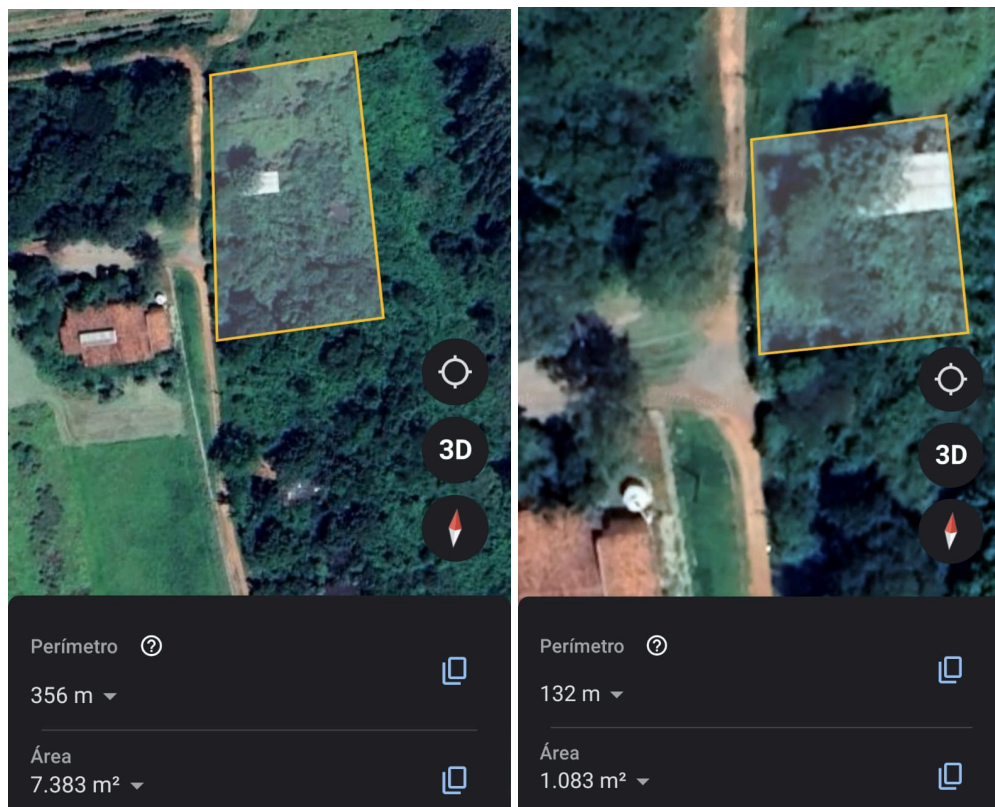


Imagem 1 - À esquerda: Contorno amarelo representando área total aproximada do ECOA; À direita, contorno amarelo destacando o galpão de bioconstrução e área a ser trabalhada na primeira etapa.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

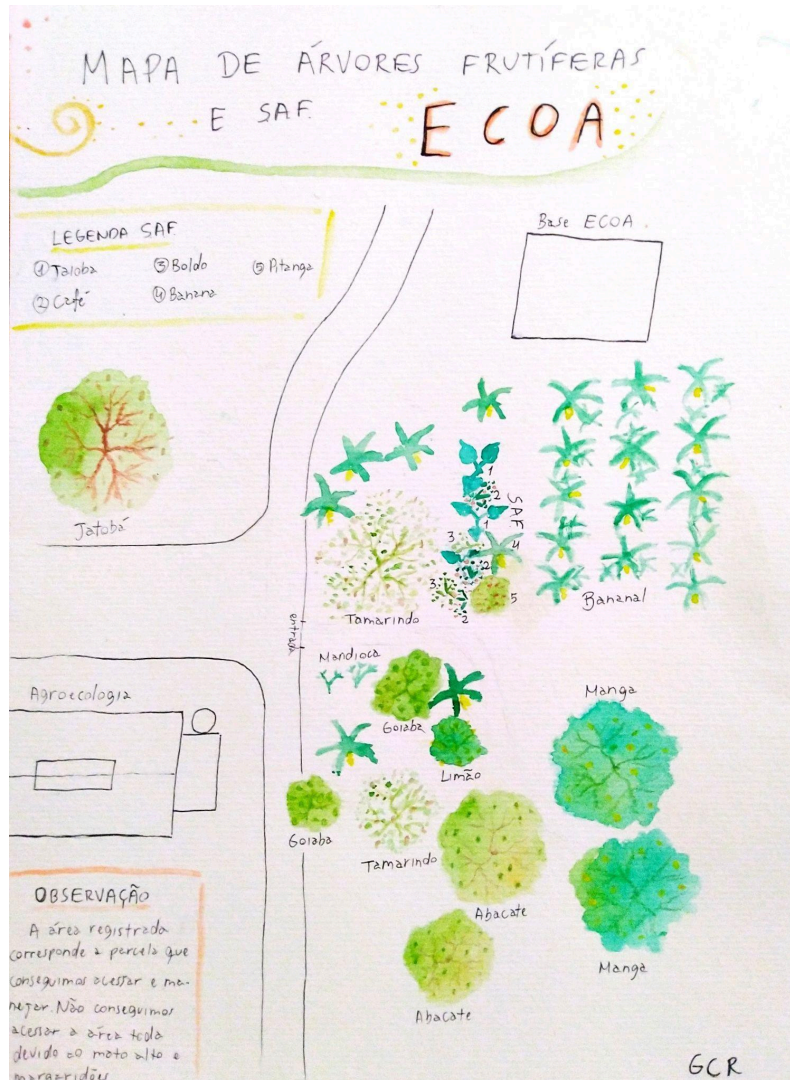


Imagem 2 - mapa preliminar de árvores frutíferas do ECOA, plantadas por estudantes. Desenho de Gabriela Campetti Ribeiro.¹

Concomitante aos debates e diálogos que passaram a ser rotineiros, conseguimos aprovar um PIBIC - Projeto de Iniciação Científica com o título: “Permaecoa gestão participativa em território estudantil autogestionado”. O projeto abordou a importância dos trabalhos em equipe, observando as experiências agroecológicas de cada um e também as diversas possibilidades coletivas ao nosso alcance. Este trabalho foi muito importante pois o edital (10/2022/PRPI/FAP/DF) determinava o cumprimento de uma série de parâmetros de organização e prazos, produção de relatório parcial e final, algo que contribuiu significativamente para a organicidade do conjunto das atividades que estávamos desenvolvendo.

Por ser um espaço autogestionado e ter a introdução de novos projetos a cada semestre, o manejo e manutenção estão atrelados a presença dos estudantes no campus. Para assegurar a participação estudantil e ocupar efetivamente o espaço, consideramos essencial adotar uma gestão participativa horizontal. Essa abordagem valoriza o diálogo



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

fraterno e o respeito às subjetividades individuais, aplicando a práxis dialógica do trabalho como princípio educativo.

Assim, conseguimos viabilizar a implementação de tecnologias permaculturais por meio de um planejamento coletivo aprimorado, garantindo a ampla participação dos estudantes em todo o processo. Ao propormos a gestão participativa do espaço, com vistas a constituição de uma personalidade jurídica, associativa e ou cooperativa de representações de estudantes em seu processo formativo, podendo ser materializado e representado pelo Centro Acadêmico, ou mesmo pelos Núcleos de Base⁶ previstos na nova Proposta Pedagógica do Curso em seu Eixo Integrador – Interações Organizativas inspirados na nova organicidade de autogestão do MST (MIRANDA, 2013).

“O Setor Nacional de Formação do MST identifica algumas das principais mudanças operadas pelo movimento em termos organizacionais:

a) a adoção da forma de organização das famílias em núcleos como alternativa à antiga direção coletiva, para ampliar a participação dos acampados e assentados nos processos de tomada de decisão;

b) ênfase na organização de base (organização horizontal), em detrimento do desenvolvimento das instâncias de representação em que os membros são indicados pela base (organização vertical) enquanto método de direção;

c) que a composição das direções estaduais tivesse como referência o número de famílias ligadas ao movimento (organizadas em brigadas compostas por 200 ou 500 famílias) e não o território;

d) a formação de um número maior de lideranças e o aumento no grau de participação dos membros do movimento, resultando na elevação do nível de consciência possibilitada pela criação dos núcleos de famílias;

e) o enfoque na mudança de hábitos e no caráter dos membros do movimento, que permitiria a superação do individualismo e do paternalismo, considerados vícios incompatíveis com a construção de uma sociedade socialista”.

Tal empreendimento está em consonância com novo projeto pedagógico do curso (PPC Agroecologia) e encontra um contexto de valorização e fortalecimento do curso na sociedade e dentro do Campus Planaltina, que corrobora para seu pleno desenvolvimento. O Eixo Integrador do novo PPC do Tecnólogo em Agroecologia do Campus Planaltina

“... integra a Extensão à matriz curricular e, em atenção à Resolução 07/2018 – CNE, que institui as Diretrizes da Extensão na Educação Superior, dá as condições para que esta constitua-se “em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que

⁶ De acordo com a nova organicidade do MST, os núcleos de base são partes da macro-organização brigada, onde há a divisão por atuações e funções dentro do coletivo.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa” (Art. 3º). Em consonância com a Resolução, este PPC incorpora o Art. 5º, definindo como elementos estruturais da Extensão no Curso de Agroecologia:

I - a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social;

II - a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular;

III - a produção de mudanças na própria instituição superior e nos demais setores da sociedade, a partir da construção e aplicação de conhecimentos, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais;

IV - a articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico” (IFB, 2020c, p. 49-50).

A fundamentação teórica do Eixo Integrador do novo PPC se desenvolve no sentido de integrar o tripé institucional, ensino – pesquisa e extensão, propondo formação de grupos de trabalho atuando organicamente no Campus e nas Comunidades de seu território, compreendendo e transformando a complexa realidade vivenciada pelos discentes (IFB, 2020c).

Com a organização dos núcleos de base temáticos aprovado no coletivo e posteriormente apresentado e referenciado no PIBIC/FAP-DF (Projeto de Iniciação Científica apoiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do DF) adaptando com base o novo Plano Político pedagógico do curso começamos a montar cada NB e um cronograma de atividades.

Todas as atividades planejadas tiveram registro fotográfico e escrito dos trabalhos realizados no dia. As ferramentas eram solicitadas no LAPA com antecedência e registradas na lousa. Utilizamos cartazes no mural do hall de entrada da Agroecologia. A mobilização era feita também a partir do diálogo nos encontros diários dos integrantes da experiência agroecológica Permaecoa, com os demais participantes e interessados. A seguir apresentamos uma série de oportunidades e ameaças deste trabalho analisadas a partir da matriz Swot.

FORÇAS / OPORTUNIDADES	FRAQUEZAS/AMEAÇAS
Identificação de habilidades individuais	Evasão escolar



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Capacidade de diálogo	Dificuldade de relacionamento com as lideranças femininas
Escuta ativa	Entraves gerados por questões políticas e burocráticas com a Gestão do Campus
Organização horizontal sem hierarquia	Tempo de permanência dos estudantes no Campus
Organização prévia das atividades	Incompreensões sobre a importância do Núcleo de Base para formação Acadêmica
Rede de apoio / campus e comunidade	Dificuldades na compreensão do significado da autogestão
Gestão do tempo	Os períodos de férias escolares
Núcleo organizativo bem consolidado	Mobilidade e insegurança alimentar no Campus



imagem 3 do primeiro mutirão Ecoa maio/2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Os trabalhos dos Núcleos de Base eram cotidianos, já os mutirões eram realizados nos finais de semana. Ao todo, realizamos 6 (seis) mutirões ao longo de 4 semestres.

As constantes oscilações no número de matrículas e trancamentos semestrais resultaram em uma redução contínua de estudantes no curso de Agroecologia do IFB Campus Planaltina. Essas desistências impactaram significativamente as atividades relacionadas ao curso e, em particular, os projetos do ECOA, uma vez que alguns estudantes optaram por não continuar suas iniciativas.

Percebemos, então, a urgência de mudanças estratégicas para a continuidade dos projetos. Mesmo com os 6 (seis) mutirões e intervenções diárias, não havíamos conseguido suprir a demanda de manejo da área durante o recesso letivo, o que gerava um retrabalho considerável a cada início de semestre. Diante desse desafio, e considerando também a maior demanda acadêmica no final do curso, que exigia dedicação em sala de aula e outros espaços de estudo, decidimos priorizar três núcleos de base: a compostagem da cozinha do prédio principal da agroecologia (incluindo captura de microrganismos para biofertilizante), a Casa do Cogumelo e a bioconstrução do Galpão do ECOA. Essa decisão coletiva visou otimizar os esforços e garantir a sustentabilidade das ações.

As vivências serviram para aprofundar os conhecimentos e as práticas em agroecologia, que compreendem o respeito aos movimentos sociais, à diversidade, a ancestralidade, a cosmologia e a sabedoria dos povos originários e comunidades tradicionais. É mais um conjunto de ações e comportamentos intencionais que visam minimizar o impacto negativo das atividades humanas sobre o meio ambiente e promover a circularidade dos recursos naturais.

Essas práticas se baseiam em princípios de conservação, eficiência e responsabilidade socioambiental, buscando o equilíbrio entre as necessidades humanas e a regeneração dos ecossistemas. Elas englobam otimização de consumo de energia e água, gestão de resíduos, preferência por processos ecológicos, mobilidade sustentável e proteção da biodiversidade. Em essência, tais práticas são uma abordagem proativa para a resiliência ambiental e a sustentabilidade futura. Essa compreensão aprofundada das relações socioambientais, aprimorada semestralmente, reforçou o respeito à vida e à diversidade, além de destacar o poder da ação local. As habilidades desenvolvidas, aliadas a essas práticas, qualificaram nossa intervenção e expandiram nosso diálogo.

Nesse momento já havíamos construído uma rede de apoio que envolvia, estudantes de outros cursos do Campus, especialmente os do curso de Biologia, professores, servidores de diversos setores o Laboratório de Práticas Agroecológicas LAPA, entre outros. Nas relações com a direção do Campus, embora tenha havido colaboração em diversos momentos, algumas solicitações que fizemos mesmo com⁷ reiterados pedidos formais, não conseguimos ser

⁷ A circularidade dos recursos naturais refere-se a um modelo sistêmico que busca manter o valor e a funcionalidade dos materiais e produtos em uso pelo maior tempo possível, através de estratégias como redução, reuso, reparo, remanufatura e reciclagem, em contraposição ao modelo linear de "extrair, produzir, usar e descartar". O objetivo é minimizar o desperdício e a dependência de recursos virgens, regenerando os sistemas naturais (ELLEN MACARTHUR FOUNDATION, 2013).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

atendidos em coisas básicas como, por exemplo, a conexão da rede elétrica no Galpão e religação da água para irrigação.

Embora tenhamos experienciado durante todas as vivências atividades desafiadoras, uma que mais demandou a utilização das competências desenvolvidas ao longo de nossa formação, foi a Oficina Prática de Capacitação para o Manuseio do Bambu. De acordo com as necessidades apontadas por componentes da comunidade acadêmica foi elaborada, então, a proposta de uma oficina tendo como orientador e Servidor Responsável o professor Vicente de Paulo Borges Virgolino da Silva, Oficineiro: Robson Aguiar de Jesus Pinto (IFB), Monitores: Iorran Gonçalves Bessa (IFB) e Maurício Pereira Leal (IFB).



imagem 4 carregamento dos Bambus ESECAE/ outubro/2022

No LAPA (Laboratório de Práticas Agroecológicas), existe um Forno de tratamento agroecológico de bambu que precisava ser restaurado e que necessitava de uma cobertura, pois o mesmo encontrava-se deteriorado em consequência da exposição aos períodos de chuva e sol. Na ESECAE (Estação Ecológica Águas Emendadas), ocorre a incidência de bambus do gênero *Phyllostachys*, considerado um invasor do bioma cerrado, e que devido sua



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

rápida dispersão, é uma séria ameaça aos mananciais e nascentes existentes na Estação. Para retomarmos a bioconstrução do Galpão do ECOA precisávamos de matéria prima e conhecer mais sobre o manejo do bambu, e essa espécie de bambu havia sido usada anteriormente nas paredes reproduzindo a técnica de “Pau a pique” (técnica do pau-a-pique, também conhecida como taipa de mão, é um método construtivo ancestral que utiliza uma estrutura de madeira preenchida com uma mistura de barro, areia, palha e esterco. É uma técnica simples, de baixo custo e foi amplamente utilizada no Brasil, especialmente durante o período colonial, sendo um símbolo da arquitetura vernacular). Resolvemos também incluir na oficina a intervenção prática no terreno de um estudante do nosso curso e morador do Assentamento Pequeno William que precisava construir um abrigo, pois a última chuva havia destruído parcialmente seu local de moradia.

A prática ativa é evidenciada pela intervenção prática dos estudantes na restauração do forno de bambu no LAPA e, de forma ainda mais marcante, na construção do abrigo para o estudante do Assentamento Pequeno William. Essa abordagem de "aprender fazendo" permite aos participantes não apenas adquirir conhecimentos técnicos sobre bioconstrução e manejo do bambu, mas também desenvolver habilidades de resolução de problemas, colaboração e pensamento crítico em um contexto real e com impacto direto. A necessidade de matéria-prima e o estudo do manejo do bambu para retomar a bioconstrução do Galpão do ECOA são exemplos claros de como a demanda por um objetivo prático impulsiona a busca e o aprofundamento do conhecimento.

Ao participarem ativamente da bioconstrução, os alunos não são meros executores, mas se tornam sujeitos do seu próprio processo de aprendizagem e de mudança social. Nesse sentido, a educação é entendida sobre um sentido amplo como um processo de conhecer e intervir no mundo, sendo uma contribuição decisiva para que possamos encontrar uma “saída” para as questões de civilizações que nos atingem (Freire, 2015, p. 53).

A escolha de incluir a construção de um abrigo para um colega demonstra uma preocupação com a dignidade humana e a solidariedade, valores centrais na pedagogia freiriana. Essa experiência prática e contextualizada não só constrói conhecimento técnico, mas também fomenta a conscientização e a capacidade de intervir autonomamente em questões sociais e ambientais, tornando o aprendizado um ato de liberdade e empoderamento.

Essa ação viria a conjugar interesses científicos, com o Permaecoa/ESECAE, acadêmicos com o IFB Campus Planaltina, e sociais, com o Assentamento Pequeno William vizinho ao IFB Campus Planaltina, fortalecendo o tripé institucional, ensino, pesquisa e extensão, envolvendo vários atores da comunidade acadêmica e territórios vizinhos, em consonância com o Plano Político Pedagógico que prevê em seus objetivos específicos entre outros:

“Formar profissionais conscientes do seu compromisso enquanto agentes transformadores da realidade e mobilizadores de justiça social;

Construir conhecimento agroecológico reconhecendo e valorizando os conhecimentos, experiências e cultura dos(as) estudantes e das comunidades como dimensão significativa do processo de aprendizagem;

Proporcionar experiências de gestão, participação e planejamento necessários ao aprendizado da organização pessoal e coletiva;



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Proporcionar experiências junto às comunidades do território para que os estudantes possam desenvolver reflexões e construir conhecimentos baseados em desafios da realidade concreta;

Proporcionar tempos e espaços múltiplos de aprendizagem que integrem e articulem os conhecimentos da ciência que forjam o saber agroecológico;

Construir conhecimento agroecológico dando efetividade ao tripé ensino-pesquisa-extensão;

Capacitar profissionais para promover o manejo sustentável e a recuperação de ecossistemas e agroecossistemas, bem como a conservação e preservação do recursos naturais no bioma Cerrado;” (IFB, 2020c)

As oficinas ocorreram entre os dias vinte e dois (22) de novembro a 18 (dezoito) dezembro compreendendo oitenta horas (80h) de treinamento. Com a primeira parte em sala de aula.. A segunda oficina aconteceu na ESECAE local de extração do bambu e também onde foi feito o carregamento das peças. A terceira parte no LAPA envolveu o descarregamento das peças, limpeza e tratamento, bem como, o planejamento e execução da estrutura de cobertura do Forno. Finalmente a quarta parte da oficina, no Assentamento Pequeno William para execução de projeto de bioconstrução da moradia do estudante.

Aos monitores coube a mobilização e acompanhamento do formulário de inscritos, a organização de infraestruturas necessárias para realização das oficinas, como planejamento,verificação de equipamentos e ferramentas, cronograma de atividades, alojamento, deslocamentos e alimentação, comunicação, registros e avaliações. Ao Oficineiro coube a responsabilidade do planejamento e orientação das atividades práticas. Foram 25 (vinte e cinco) inscritos e 16 (dezesesseis) participantes de todas as etapas da oficina, havia estudantes vindos de diversas cidades do DF e precisamos organizar um sistema de carona solidária.

Essa vivência se destaca pela organicidade e bons momentos de trabalho cooperado. Com uma organização prévia muito bem acertada e tarefas definidas coube aos participantes trazer suas necessidades pessoais, cobertor e colchonete e barraca de camping caso a opção fosse acampar. Fizemos a solicitação de alojamento com pernoite ao grupo denominado “Panteras Negras” situado no assentamento Pequeno William, que gentilmente nos atendeu. Durante toda a execução da oficina nos finais de semana, os participantes ficaram alojados nas Panteras Negras no Pequeno William,.

Com os recursos econômicos limitados, então convocamos a rede de apoio, a experiência em outras vivências nos ajudou a conduzir de forma bem mais tranquila as tarefas. As refeições, café da manhã, almoço, lanche e jantar foram conseguidas com contribuições de professores,doação de verduras pelos chacareiros e estudantes. Sobre o transporte ficou definido que os participantes dependentes do transporte coletivo viriam de ônibus até determinado ponto e as pessoas de carro trariam até o local da oficina. Tudo combinado por aplicativo de mensagem. As estruturas para o transporte dos bambus e boa parte das ferramentas usadas na operação foi cedida pela direção do Campus, nesse quesito vale destacar a prestatividade do setor de transporte e do LAPA que foram fundamentais para a execução da oficina.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Na primeira parte das oficinas tivemos que usar algumas aulas do Eixo Integração comunitária e do Campus para carregamento dos bambus no caminhão guindaste, pois, a disponibilidade do caminhão e do motorista seria apenas às quartas-feiras, caso não houvesse nenhuma outra prioridade identificada pela gestão do Campus.

As atividades propostas pelo Eixo Integrador nas Interações Comunitárias e Culturais, rodas de conversa no Campus e parceria no Pequeno William com Adão e a Guta e nas Panteras Negras, com a Drica, citando apenas algumas pessoas para exemplificar, e as visitas técnicas amplificaram a percepção da agroecologia e suas dimensões, ambiental, política, educacional, comunitária econômica entre outras.

Ao Vivenciar as mudanças estruturantes que construíram uma nova abordagem pedagógica com autonomia, mais propositiva, autogestionada, com estímulo à coletividade e horizontalidade nas decisões incentivaram a participação até dos mais retidos.

As interações agroecológicas no Campus fomentaram uma perspectiva de ação local. Isso permitiu estabelecer relações, compreender o território e as regiões adjacentes, além de assimilar opiniões e experiências — tanto as bem-sucedidas quanto as que não prosperaram. Observaram-se, igualmente, as nuances da organização do trabalho. Independentemente dos resultados diretos, a vivência e as relações construídas foram fundamentais. Elas contribuíram significativamente para uma formação cidadã e transformadora.

Este processo estimulou o desenvolvimento da capacidade crítica do estudante, que passou a se reconhecer como parte e solução dos problemas. Tal compreensão impulsionou uma postura mais propositiva e participativa na construção de alternativas agroecológicas em diversos contextos.

A permanência estudantil em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, especialmente no contexto do Campus, é diretamente afetada por diversos desafios socioeconômicos e estruturais. A insegurança alimentar, a precariedade do transporte público e as limitações dos programas de residência e bolsas de auxílio estudantil são fatores críticos que reduzem significativamente o tempo de permanência dos estudantes no campus. Quando os alunos precisam dedicar tempo e energia excessivos para suprir necessidades básicas ou para se deslocar, sua disponibilidade para atividades acadêmicas extracurriculares e o engajamento em projetos coletivos são comprometidos.

O tempo de permanência dos estudantes no campus é um fator crucial para o desenvolvimento e a sustentabilidade de projetos coletivos, como a reocupação do ECOA. Projetos dessa natureza, que envolvem a autogestão, a colaboração e a construção de espaços comunitários, demandam:

- **Engajamento Contínuo:** Ações como bioconstrução, compostagem e manutenção de Sistemas Agroflorestais (SAFs) exigem presença constante e trabalho prático. Se os estudantes não podem ficar no campus por tempo suficiente, a continuidade e o avanço dessas iniciativas são prejudicados.
- **Formação de Vínculos e Lideranças:** A permanência no campus permite que os estudantes construam relações mais profundas, troquem experiências e desenvolvam lideranças. Essa coesão é vital para que um grupo se organize, tome decisões coletivas e execute projetos complexos.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

- **Senso de Pertença:** Estar mais tempo no ambiente universitário fortalece o senso de pertencimento à comunidade acadêmica e aos projetos desenvolvidos. O ECOA, como espaço de convivência e prática agroecológica, torna-se um símbolo de resistência e inovação, mas isso só é possível com a vivência e dedicação dos estudantes.
- **Transmissão de Conhecimento e Histórias:** A revitalização de um espaço como o ECOA, cuja história de luta e vivências é transmitida em grande parte pela oralidade, depende da interação e do tempo de convívio entre os estudantes mais antigos e os novatos. A falta de permanência dificulta essa transmissão de conhecimento e a continuidade do legado do projeto.

A problemática da infraestrutura em IES públicas, que impacta diretamente o desenvolvimento científico, está intrinsecamente ligada à questão da permanência estudantil e ao sucesso de projetos coletivos.

Quando há infraestrutura precária nos campi (laboratórios ruins, falta de espaços adequados, problemas de saneamento, etc.), isso não só limita a pesquisa e a inovação (como abordado na análise anterior), mas também deteriora as condições de permanência dos estudantes. Um campus com infraestrutura deficiente pode:

- **Piorar a Insegurança Alimentar:** Se não há refeitórios adequados ou programas de alimentação eficientes, a infraestrutura contribui para a insegurança.
- **Agravar o Transporte:** A falta de investimento em infraestrutura no entorno ou em alternativas de transporte sustentável no próprio campus intensifica a dificuldade de deslocamento.
- **Dificultar a Moradia:** Residências estudantis com manutenção inadequada ou em número insuficiente são um problema de infraestrutura que impacta diretamente a permanência.

Portanto, a falta de investimento em infraestrutura básica e de apoio ao estudante (bolsas, residência, alimentação) cria um ciclo vicioso: a precariedade afasta o estudante do campus; sua menor permanência dificulta a formação completa e o desenvolvimento de projetos coletivos (como o ECOA), que por sua vez, são importantes para a aplicação prática do conhecimento e para a inovação. Esse cenário, em última instância, mina a capacidade da IES pública de contribuir plenamente para o desenvolvimento científico e social do país, pois o potencial dos estudantes e de seus projetos transformadores é subaproveitado.

Resultados

1. Relevância da Autogestão e do Trabalho Coletivo no ECOA

- **Revitalização e Reocupação do ECOA:** Apesar das dificuldades da pandemia e do histórico de destruição, o grupo "Ecoando Afetos" e, posteriormente, os Núcleos de



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Base, conseguiram reocupar e iniciar a transformação do ECOA em um espaço permacultural.

- Engajamento Estudantil: A história do ECOA e a proposta de trabalho coletivo geraram notória alegria e disposição, atraindo um número significativo de estudantes.
- Implementação de Projetos: Criação e execução de projetos nos Núcleos de Base (NBs) como bioconstrução (Galpão ECOA), compostagem, SAFs, ervas medicinais, cogumelos, e o projeto "Permaecoa", com registro fotográfico e escrito das atividades.
- Fortalecimento da Identidade Coletiva: A convivência e a troca de ideias, especialmente com estudantes do antigo PPC e lideranças históricas, consolidaram o ECOA como um espaço de saber e luta, formando a identidade coletiva da turma.
- Desenvolvimento de Habilidades: As vivências no ECOA e nos NBs aprimoraram conhecimentos e práticas em agroecologia, incluindo respeito aos movimentos sociais, diversidade, ancestralidade, cosmologia, circularidade dos recursos naturais, além de qualificarem a capacidade de intervenção e diálogo dos participantes.

Discussões:

- Afirmção da Agroecologia como Prática Transformadora: O ECOA, impulsionado pela autogestão e diálogo, tornou-se um "laboratório de ensino, pesquisa e extensão", um símbolo de resistência e inovação, demonstrando a agroecologia não apenas como teoria, mas como prática capaz de promover mudanças de cenários e apontar caminhos para a transição agroecológica.
- Desafios da Continuidade: A oralidade como principal forma de transmissão da história e a escassez de registros dificultam o engajamento de novos estudantes, evidenciando a necessidade de um registro mais formal (como o curta-documentário proposto).
- Impacto da Permanência e Evasão: A redução contínua de estudantes devido a trancamentos e desistências (impactados por fatores como insegurança alimentar, transporte e bolsas) afetou a continuidade dos projetos, exigindo a priorização de NBs para otimizar esforços e garantir sustentabilidade. Isso reforça a tese de que a permanência estudantil é intrínseca à capacidade de desenvolvimento e manutenção de projetos coletivos.

2. Integração Ensino-Pesquisa-Extensão e Conexão com o PPC 2021

Resultados:

- Alinhamento ao Novo PPC: As atividades do ECOA e dos NBs se alinharam diretamente aos três eixos temáticos do PPC 2021 (Agroecossistemas, Educação Política e Ecológica, Interações Comunitárias e Culturais), e especialmente ao Eixo Integrador (Interações Organizativas).
- Formação de Núcleos de Base (NBs): Implementação bem-sucedida dos NBs como forma de organização dos trabalhos coletivos, adaptados da autogestão do MST, com coordenadores e relatores, e cronograma de atividades.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

- Projeto PIBIC Aprovado: A aprovação do PIBIC "Permaecoa gestão participativa em território estudantil autogestionado" demonstrou a integração da pesquisa às atividades do ECOA.
- Oficina de Manejo de Bambu: Destaque para esta oficina como um exemplo concreto da integração de ensino, pesquisa e extensão. Ela envolveu a restauração de infraestrutura no LAPA, o manejo de espécie invasora na ESECAE e a bioconstrução em um assentamento vizinho, cumprindo múltiplos objetivos do PPC e fortalecendo o "tripé institucional".

A Agroecologia como Eixo de Transformação e Resistência no IFB Planaltina

A jornada da primeira turma do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do IFB Campus Planaltina, marcada pela transição do ensino remoto à reocupação presencial do Espaço de Convivência Agroecológico (ECOA). Esta jornada demonstrou o poder da autogestão e do trabalho coletivo na construção de saberes e práticas transformadoras. Mesmo diante dos desafios impostos pela pandemia e pela histórica precariedade infraestrutural e de permanência estudantil, a experiência consolidou o ECOA como um verdadeiro laboratório vivo de ensino, pesquisa e extensão.

A capacidade e a dificuldade de alguns estudantes de se entenderem como parte da solução do problema e sair do status de só reclamar e fazer parte da mudança efetiva. A relevância de articular-se em Núcleos de Base (NBs), alinhados ao inovador Projeto Pedagógico do Curso (IFB, 2020c), mesmo incompreendida por parcela dos estudantes, permitiu a concretização de projetos como bioconstrução, compostagem e SAFs. A Oficina de Manejo de Bambu, em particular, ilustra a efetiva integração do tripé universitário (ensino-pesquisa-extensão) e a sinergia com instituições e comunidades vizinhas, validando o potencial do curso em formar agentes de mudança social.

Entretanto, a trajetória também evidenciou que a manutenção e sustentabilidade dessas iniciativas coletivas estão intrinsecamente ligadas às condições de permanência estudantil. A insegurança alimentar, o transporte público inadequado e as limitações das bolsas de auxílio afetam diretamente o tempo de dedicação dos estudantes, gerando desafios para a continuidade dos projetos. A superação burocrática para a conquista da residência estudantil e a dificuldade em obter apoio básico de infraestrutura para o próprio ECOA reforçam a necessidade premente de políticas institucionais que garantam dignidade e apoio, permitindo que o potencial inovador e transformador dos estudantes seja plenamente desenvolvido.

Assim, o ECOA transcende a condição de um mero espaço físico; ele se consolida como símbolo de resistência, inovação e um modelo concreto de agroecologia aplicada, onde a vivência e o engajamento coletivo pavimentam o caminho para uma formação integral e para a construção de um futuro mais justo e sustentável, no campus e em contextos mais amplos.

A história do ECOA, rica em luta e significado, é atualmente transmitida apenas oralmente, resultando em registros escassos. Essa lacuna dificulta o engajamento de novos estudantes, que se mostram mais dispostos a colaborar ao conhecerem a trajetória. Diante disso, propõe-se a criação de um curta-documentário (2011-2025). Este material servirá como registro acadêmico para sensibilizar e formar sobre a importância do trabalho coletivo como instrumento transformador.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

A conclusão do Galpão de bioconstrução, com suas estruturas elétricas e hidráulicas finalizadas, é crucial para a manutenção e funcionalidade do espaço. A religação da água para irrigação da área de plantio é vital para a produção de alimentos, uma necessidade estratégica do território. Adicionalmente, um Galpão em plenas condições oferecerá um ambiente seguro e adequado para estudantes, servindo como laboratório para práticas agroecológicas, otimizando o aprendizado e consolidando o local como um polo de conhecimento e inovação em bioconstrução e manejo sustentável.

(Observamos como o trabalho cooperado pode fazer a diferença na melhoria e criação de estruturas elevando a qualidade das vivências no Campus e fazendo de cada experiência um rico momento de descobertas, aproximação, conhecimento e reconhecimento.)

Agradecimentos

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao Professor Etelvino, meu orientador, pela inestimável orientação e apoio ao longo desta jornada. Meu agradecimento se estende às valorosas integrantes da banca examinadora, Professora Julia e Professora Elisa, por suas contribuições perspicazes. Saúdo, ainda, todos os demais professores do STA 1 do ano de 2021, que com dedicação moldaram nossa formação.

Por fim, agradeço imensamente às minhas Filhas Catarina de Camargo Leal e Isadora de Camargo Leal e aos meus queridos amigos Juliana Krause, Mike Soares, Iorran Bessa, Murilo Motine, Marlene Leal, Marília Leal, Marcos Leal, Edvaldo Jr., Leandro Dias Santana, João Abelha, Matheus Ramos, Kelly Gramacho, Rogério Marcos, de Jesus Santos, Elza de Ângelis, Rogério dos Reis, Vinicius Kalunga, Lucas Bombardi, Eduarda Santos, Diana Pereira, Gabriela Campetti, Maysa Guedelha, Marian Borba, Regine Frank, Caroline da Nóbrega, Willian Biro, Robson de Jesus e a Beatriz Alecrim de Jesus pelo companheirismo, incentivo e por tornarem este caminho mais leve e significativo. A presença e o apoio de vocês foram essenciais para a concretização deste trabalho.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Referências bibliográficas

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB). **Portaria nº 123, de 2020**. Aprova a retomada dos Calendários Acadêmicos 2020 dos Campi do Instituto Federal de Brasília. Brasília, DF: IFB, 2020a. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1umtlmlebPU_Djy7pl8squeo0ElzVt5_Gy/view. Acesso em: 10 jun. 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB). **Portaria nº 361, de 2020**. Determina a suspensão das aulas e estabelece atendimento por agendamento em virtude da pandemia de Coronavírus. Brasília, DF: IFB, 2020b. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/attachments/article/23474/Portaria%20n%C2%BA%20361.2020%20-%20Coronavirus%20-%20suspens%C3%A3o%20das%20aulas%20e%20atendimento%20por%20agendamento%20e%20orienta%C3%A7%C3%B5es.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB). **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia**. Brasília, DF: IFB, 2020c. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/attachments/article/22990/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20do%20Curso%20Superior%20de%20Tecnologia%20em%20Agroecologia.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB). **Resolução nº 16, de 2020**. Aprova as alterações no Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia. Brasília, DF: IFB, 2020d. Disponível em: https://www.ifb.edu.br/attachments/article/22990/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%2016_2020_Aprova%20as%20altera%C3%A7%C3%B5es%20no%20Projeto%20Pedag%C3%B3g



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

ico%20do%20Curso%20Superior%20de%20Tecnologia%20em%20Agroecologia..pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB). **Resolução nº 32, de 2020**. Aprova a flexibilização dos normativos do IFB. Brasília, DF: IFB, 2020e. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/attachments/article/22990/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2032-2020-Aprova%20a%20flexibilizacao%20dos%20normativos%20do%20IFB.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra: 2011; 50ª ed., 2015.

HENRIQUES, Leite Olender Mônica Cristina. **Subsídios para a sua preservação.** / . – Salvador: UFBA/PPGAU, 2006. xxvii, 119f: il.; 29,7 cm.

MIRANDA, Roberto de S.; CUNHA, Luis H. H. **A estrutura organizacional do MST: lógica política e lógica prática**. Cadernos CRH, Salvador, v. 26, n. 68, p. 123-145, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/m5mjPpcTgND4GWp6bjyFzfh/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

NOTINE, Murillo. **Coleta, multiplicação e troca de material genético no Espaço de Convivência Agroecológico - ECOA**. Planaltina, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Kel8End02Lhta_Ww-bzPvd8gaX0bDdEA/view. Acesso em: 10 jul. 2025.